

Costeira encalha exposição marítima

Há alguns dias lançamos a idéia de uma exposição marítima itinerante que, partindo do Rio em um dos novos paquetes da Companhia Nacional de Navegação Costeira, fosse mostrada nos portos de escala ao público interessado em artes plásticas, difundindo a arte atual do Brasil pelo Nordeste e Norte. A idéia foi de imediato aceita pela Reitoria da Universidade do Pará, que se prontificou a pagar o seguro das obras e as passagens da caravana de críticos e jornalistas que seguiria junto a fim de dar cobertura à promoção e, em Belém, fazer uma série de conferências ao ensino do I Salão de Artes Plásticas da Universidade do Pará. Também o Museu de Arte Moderna concordou em ceder as obras para essa exposição que teria caráter didático e cuja repercussão em todas as capitais de escala iria, sem dúvida, beneficiar a Costeira que navega seus navios fantasmas pela costa com meia dúzia de passageiros.

Pois a Companhia Costeira botou um iceberg no caminho e encalhou a promoção. Não pode porque o navio é dos passageiros e não

podemos responsabilizar por danos ou roubo das peças. Ora, a caravana poderia zelar pelas obras e ninguém iria fugir do navio com cinturão voador sobrando quadros. Não pode porque a visita ao navio vai sujá-lo e aumentar os encargos da tripulação, além de pôr em perigo os bens dos passageiros. Ora, as Reitorias dos portos de escala poderiam distribuir convites e providenciar o policiamento para evitar a pilhagem da plebe interessadíssima em arte moderna. Não pode porque teríamos de pagar estiva e desestiva do acervo, mesmo que a carga não fosse carregada e descarregada por estivadores. Ora, não pode porque teríamos de pagar o frete da mercadoria. Ora, ora.

Eis como a Costeira entende o valor das artes e coopera em sua difusão pelo Brasil. Mas não desistimos. A exposição será levada a Belém pelo meio de transporte safa-onça brasileiro: a aviação.

SALÃO DE BELÉM

A Reitoria da Universidade do Pará instituiu o Salão de Artes Plásticas, a ser realizado anualmente. É a primeira vez que uma iniciativa desse porte vem beneficiar as artes do Norte do País, fato que merece todo o nosso apoio, ainda mais quando conhecemos as dificuldades dos artistas que vivem nessa região.

O certame não beneficiará apenas os artistas do Pará, mas também os do Amazonas, Maranhão, Acre e Territórios vizinhos. As inscrições já se acham abertas e o Salão será inaugurado em novembro. Haverá três classes de artistas: candidatos à premiação, simples expositores e especialmente convidados. Para este primeiro Salão, os prêmios são os seguintes: medalhas de ouro para os primeiros colocados e de prata para os segundos. Quem for distinguido com medalha de ouro fará jus ainda a prêmios em dinheiro: 100 mil cru-

zeiros para pintura a óleo e escultura; 50 mil para aquarela, guache e gravura; 30 mil para desenhos.

Faltava o Norte se manifestar no movimento de renovação artística que aos poucos se expande por todo o Brasil. Nossas felicitações à Reitoria da Universidade do Pará.

NOVAS EXPOSIÇÕES

Na próxima segunda-feira, dia 2, teremos duas inaugurações no Rio:

Aranguren, artista argentino, vai abrir "seu místico laboratório" de máscaras na galeria Gead. Segundo Ramon de la Hoz, que faz a apresentação, "suas mãos religiosas geram poesia, logram modelar o Rosto Supremo da Arte." Iremos ver esse tal rosto supremo.

Em Belo Horizonte está aberta a exposição de Karl Zerbe, artista teuto-americano que expôs há pouco no MAM do Rio. A mostra é na galeria de arte do ICBEU.

Regulamento oficial do 1º Salão da UP:

VI
DAS PREMIAÇÕES E DA CLASSIFICAÇÃO

17o. — A classificação resultante do julgamento crítico da Comissão Julgadora obedecerá à seguinte ordem:

a) 1o e 2o. prêmios de Pintura, Escultura e Desenho respectivamente nas diferentes categorias.

b) Menções Honrosas.

18o. — O 1o. Prêmio constará de medalha de ouro, mais importância em dinheiro, a saber:

Pintura	100.000,00
Escultura	100.000,00
Desenho	30.000,00

19o. — O 2o. Prêmio constará de medalhas de prata.

20o. — Será concedida Menção Honrosa às obras de Pintura, Desenho e Escultura a critério da Comissão Julgadora.

21o. — Aos artistas jovens, de menos de trinta anos de idade que concorrerem com obras de real mérito em qualquer das categorias antes enumeradas, a Comissão Julgadora destinará, como prêmio Especial, Bolsas de Estudo de aperfeiçoamento ou estágio em instituições artísticas do país.

22o. — Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Coordenadora.

Pré-Salão:
O equívoco de Laus em relação à premiação. Eneida interpreta de modo correto o Edital.

Pós-abertura do Salão: Roberto de La Rocque Soares é enaltecido por Laus e Eneida que desconsideram o primeiro prêmio de pintura dado a Ruy Meira. Laus chama o Salão de Experimental e Eneida não garante sua qualidade.

O I Salão da Amazônia

Foi inaugurado em Belém do Pará, a 1 do corrente, o I Salão de Artes Plásticas da Universidade do Pará, com 4 artistas do Amapá, 6 do Amazonas, 3 do Maranhão e 52 do Pará, com um total de 176 quadros, 15 esculturas e 4 trabalhos em cerâmica. A esta quantidade de obras juntou-se uma exposição de artistas do Sul, levada pela comissão de artistas, críticos e jornalistas residentes no Rio e que para lá seguiram a convite da Reitoria da Universidade do Pará. Gravuras de Edith Behring, Fayga Ostrower, Ana Letícia, Roberto De La Mônica, Isabel Pons, Darel Valença, Marcelo Grassmann, Iberê Camargo e Rossini Pérez, desenhos de Aldemir Martins e Tiziana Bonazzola e um guache de Frank Schaeffer. Por dificuldade de transporte, deixou de seguir uma série de óleos cedidos por alguns pintores.

O Salão, que pela área que abrange poderia ser chamado Salão da Amazônia, caracteriza-se pelo autodidatismo e pelo academicismo e figura-

tivismo um tanto primários, resultantes da falta de informação artística a que a região está sujeita. Nenhuma escola de arte, raríssimas exposições, influências do pintor Baloni — praticamente o único artista que lá expõe regularmente e que ensina Pintura em Belém. No presente momento, há uma exposição na Cidade; Valdemar da Costa, brasileiro quase português, pelo tempo de permanência em Portugal. No entanto, pelo simples estudo da quantidade de artistas e de obras expostas, fica provada a necessidade de maior assistência artística àquela gente que pode produzir coisa muito melhor. Há talentos que poderiam ser desenvolvidos, dependendo apenas de alguma atenção por parte do Governo do Estado ou do Governo federal. Acreditamos que o Salão há de exercer influência salutar sobre os próprios artistas, pelo confronto com os demais e também acordar as autoridades para uma atuação efetiva.

Há pouca coisa a se

destacar neste Salão Experimental. Os óleos do amazonense Gualter Batista, os desenhos de Moacir Couto de Andrade, também do Amazonas, a gravura de Iedo Saldanha, do Maranhão, único gravador (xilo) do certame mas que possui inegáveis qualidades; a pintura abstrata do paraense Roberto de La Rocque Soares, único merecedor do prêmio de pintura, o desenho de Andrés Fúrez, de Belém, e a escultura de João Pinto, outro do Pará. A desorientação dos artistas do Norte pode ser medida nos trabalhos de Luigi Fazio Giandolfo que, ao lado de válidas experiências de pesquisa visual, realiza insignificantes quadros figurativos talvez para não espantar demais seus conterrâneos.

Outro ponto que justificaria mais atenção do Governo para com as artes plásticas é a frequência ao Salão. Além da grande participação ao ato inaugural, que contou com a presença de todas as autoridades do Estado e público interessado, pudemos

constatar que nos dois primeiros dias mais de quinhentas pessoas visitaram a exposição.

ATIVIDADE PARALELA

A Comissão Organizadora — que merece muitos aplausos pela atividade desenvolvida e montagem racional do Salão — previu um programa de conferências para realização paralela com o Salão. Além da apresentação da exposição dos artistas do Sul, feita por este colunista, o escultor Renato Miguez falou sobre Arte Popular do Brasil, com diapositivos, os críticos Quirino Campofiorito e Mário Barata falarão sobre Arte e a gravadora Edite Behring dará um curso de gravura, por conferências.

INAUGURAÇÃO DE HOJE

O Museu de Arte Moderna do Rio inaugura hoje, às 18 horas, importante exposição do artista espanhol Antonio Saura, com desenhos, pintura, gravura e colagens.

tores, desenhistas, escultores e arquitetos da Amazônia e que será promovida anualmente, em 1º de dezembro de todos os anos. O salão, além disso tem uma finalidade pedagógica e deverá contribuir não só para renovar, dignificar e atualizar o trabalho artístico entre nós, como também para que esse trabalho desperte a consciência e a capacidade de nosso povo.

Não direi que o salão seja de melhor qualidade se bem que ele apresente artistas como Roberto De La Rocque Soares (Pará), com pinturas a óleo muito boas, de Iedo Saldanha (Maranhão) com boas gravuras, e alguns outros, mas o que é impressionante, comovedor mesmo é o entusiasmo que o Salão está provocando em Belém. Sua inauguração contou com o comparecimento de gente de todas as camadas sociais e as visitas se sucedem sempre em grande número. São jovens e velhos, homens, mulheres, crianças que sobem ao segundo andar da Assembléia Paraense para olhar, ver, amar, conhecer os artistas da Amazônia. É tão grande o interesse do público que fico a pensar como seria fabuloso que os museus desta capital e os de S. Paulo que se empenham tanto em mandar amostras de arte para o estrangeiro também podiam pensar em ensinar o brasileiro das cidades distantes, como é o caso de Belém e Manaus, um pouco de nossas ar-

tes plásticas. Um fato deve ser frisado e bem frisado: os artistas que ora trabalham na Amazônia são na maioria autodidatas sem a possibilidade de ver um museu, de conhecer obras de arte e era preciso que os Museus pensassem também em ajudá-los.

Mas a Universidade do Pará — bravos à ela — não está apenas realizando esse Salão. Acaba de lançar, em dois volumes a «História do Pará» de Ernesto Cruz na série intitulada «José Veríssimo», um trabalho digno de todos os aplausos e mais ainda, a Universidade acaba de aparecer com o primeiro número de sua «Revista de Educação e Letras» com um conselho diretor de grandes escritores paraenses residentes em Belém: Francisco Paula Mendes, Benedito Nunes, Rômulo Sousa, Clodoaldo Beckmann, Otávio Cascais. Aqui ficam meus louvores ao Reitor José da Silveira, pelos seus trabalhos que ressuscitam a divulgação da cultura na nossa terra, o Pará.

Encontro Matinal Eneida

Artes Plásticas em Belém

A REITORIA da Universidade do Pará vai inaugurar em Belém, nos primeiros dias de novembro, o primeiro salão de artes plásticas da cidade, iniciativa digna de todos os aplausos. A criação do Salão tem por finalidade não só expor e premiar obras de artistas plásticos regionais, como também levar ao conhecimento da classe universitária e ao público em geral, qualquer espécie de manifestação no setor de artes plásticas, além de ser um meio de incentivar os talentos artísticos locais e de divulgar, no meio regional, padrões estéticos categorizados, indispensáveis à educação e à sedimentação da cultura que a Universidade se propõe a estimular. Os primeiros prêmios são de cem mil cruzeiros (para pintura e escultura) e trinta mil para desenho; medalhas de prata para os segundos prêmios, além das menções honrosas. Aos artistas jovens, de menos de trinta anos, a Comissão Julgadora destinará como prêmio especial, Bolsas de Estudos de Aperfeiçoamento ou Estágio em instituições artísticas do país.

Como se vê, o regulamento do Salão de artes plásticas de Belém está bem feito e bem organizado. Para ajudar essa iniciativa da Universidade do Pará, o Museu de Arte Moderna desta cidade mandará a Belém uma exposição de trabalhos de grandes nomes brasileiros nas artes plásticas, que será acompanhada por um grupo de críticos que ali realizarão conferências. José Roberto Teixeira Leite, Mário Barata, Quirino Campofiorito, Jaime Maurício, Harry Laus e mais Darel (que ali fará um curso de gravura), Edith Behring, Bruno Giorgio, Joaquim Tenreiro, Aloisio Carvão, compõem a caravana que acompanhará a exposição enviada pelo MAM.

ENCONTRO MATINAL

Universidade

IMPOSSIVEL negar — nem mesmo os pessimistas poderão fazê-lo — o papel importantíssimo das Universidades e seus reitores em todo o Brasil. A Universidade do Pará — por exemplo — está de tal maneira empenhada em levar cultura ao nosso povo que acaba de realizar, entre outras coisas, o seu primeiro salão de artes plásticas tendo reunido artistas do Amapá, Amazonas, Maranhão, Pará, com pintura, escultura, desenho, cerâmica, gouache, aquarela. Participam, portanto, do salão, artistas de toda a Amazônia, num total de sessenta e quatro, com cento e noventa e cinco trabalhos. Apresentando-os diz a Reitoria de aquela primeira grande mostra de arte com dimensões regionais é destinada a estimular pin-